



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**JANAÍZA DO NASCIMENTO PAIXÃO**

**ENSINO DE GRAMÁTICA: O USO DOS ADVÉRBIOS NO GÊNERO MÚSICA SOB  
A PERSPECTIVA FUNCIONALISTA**

**CAJAZEIRAS - PB  
2023**

**JANAÍZA DO NASCIMENTO PAIXÃO**

**ENSINO DE GRAMÁTICA: O USO DOS ADVÉRBIOS NO GÊNERO MÚSICA SOB  
A PERSPECTIVA FUNCIONALISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

**Orientadora:** Profa. Dra. Maria Vanice Lacerda de Melo Barbosa

**CAJAZEIRAS - PB  
2023**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

P149e Paixão, Janaíza do Nascimento.  
Ensino de Gramática: o uso dos advérbios no gênero música sob a perspectiva funcionalista / Janaíza do Nascimento Paixão. - Cajazeiras, 2023. 43 f.  
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Vanice Lacerda de Melo Barbosa.  
Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2023.

1. Ensino de gramática. 2. Advérbios-abordagens tradicionalistas. 3. Gêneros textuais discursivos. 4. Gênero - letra de música. 5. Advérbio-letra de música. 6. Funcionalismo-pensamento lingüístico. I. Barbosa, Maria Vanice Lacerda de Melo. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 81'35

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos SaraivaLourenço CRB/15-046

**JANAÍZA DO NASCIMENTO PÁIXÃO**

**ENSINO DE GRAMÁTICA: O USO DOS ADVÉRBIOS NO GÊNERO MÚSICA  
SOB A PERSPECTIVA FUNCIONALISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado ao Curso de Letras, da Unidade  
Acadêmica de Letras, do Centro de Formação  
de Professores, da Universidade Federal de  
Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras,  
como pré-requisito para obtenção do grau de  
licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

Aprovado em: 22 / 06 / 2022

**Banca Examinadora:**

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Maria Vanice Lacerda de Melo - Orientadora  
(UAL/CFP/UFCG)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Me. Daniel Soares Dantas - Examinador 1  
(UFPB)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva – Examinador 2  
(UAL/CFP/UFCG)

*A Deus, o criador de todas as coisas.  
À minha mãe, minha fonte de apoio.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por ter me dado o fôlego de vida, e por não ter me desamparado em nenhum momento da minha caminhada. Obrigada, meu Deus, por me permitir chegar até aqui.

À minha mãe Francisca Maria do Nascimento, por sempre me incentivar aos estudos e acreditar no meu potencial. Obrigada por ser essa mãe tão dedicada e amável, e por não ter me deixado desistir.

À minha irmã Maria Janaina do Nascimento e ao meu irmão Cosmo Paixão do Nascimento, por estarem sempre ao meu lado. Obrigada por todo o apoio que me deram.

Ao meu cunhado Jack Silva Santana, por sempre está disposto a me ajudar. Obrigada por ser essa pessoa tão solícita.

À minha orientadora, Profa. Dra. Maria Vanice Lacerda Melo, a quem sou muito agradecida por todas as contribuições e orientações. Obrigada por ser fonte de inspiração e comprometimento.

À minha amiga Mariane Soares Lima, por todo o companheirismo e amizade durante esse percurso. A sua amizade tornou essa caminhada mais leve e alegre.

Às minhas amigas Dayane Viana do Nascimento e Izabel Cristina Alves, por serem amigas para todos os momentos. Sempre seremos da infância para vida toda!

Ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que me concedeu a primeira experiência de atuar em sala de aula.

A todos os amigos que fiz ao longo dessa jornada. Obrigada por os momentos compartilhados. Desejo todo sucesso do mundo para vocês.

A todos os professores que fazem parte da Unidade Acadêmica de Letras (UAL). Obrigada por todos os ensinamentos que ultrapassam o nível acadêmico.

Enfim, a todos que contribuíram direta e indiretamente para o desenvolvimento deste trabalho.

## RESUMO

Nas últimas décadas, o ensino de gramática tem sido alvo de muitas críticas por parte dos estudiosos da linguagem. Há uma insatisfação com o tratamento dado à gramática no espaço escolar, e isso ocorre, talvez, porque esse ensino ainda está pautado, primordialmente, no estudo da metalinguagem, nas regras da gramática normativa, o que não contribui de forma eficaz para o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos. Dentro das abordagens gramaticais, destacamos o estudo das classes de palavras, mais especificamente os advérbios, os quais na visão da gramática normativa são tratados de modo bem simplista, não permitindo que o aluno conheça a importância dessa classe para a construção dos textos que circulam socialmente. Sendo assim, buscamos desenvolver um estudo com o objetivo de analisar, sob a perspectiva do funcionalismo linguístico, o uso dos advérbios no gênero música. Como alicerce teórico, apoiamos-nos, fundamentalmente, nos estudos de Travaglia (2009) e Possenti (1996) que trata sobre as concepções e tipos de gramática; nos estudos sobre o ensino de gramática contextualizada com Antunes (2007, 2014); nos postulados de Neves (1997) e Cunha (2008) sobre o Funcionalismo Linguístico; nas contribuições de Bakhtin (2000) e Marcuschi (2010) acerca dos gêneros textuais/discursivos. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, amparado pelas pesquisas bibliográfica e descritiva e para compor o seu *corpus*, selecionamos cinco músicas ouvidas por pessoas de diferentes faixas etárias e cultura. A análise realizada nas músicas evidencia a importância da classe gramatical advérbios na compreensão do sentido global do texto, já que dentro de uma situação de uso estes podem assumir diferentes sentidos e funções. Além disso, percebemos algumas incoerências nas gramáticas de orientação normativa com relação à classificação dessa categoria gramatical.

**Palavras-chave:** Ensino de gramática. Advérbios. Gêneros textuais. Funcionalismo.

## ABSTRACT

In the last decades, grammar teaching has been the object of much criticism by language scholars. There is dissatisfaction with the treatment given to grammar in the school space, and this happens, perhaps, because this teaching is still primarily based on the study of metalanguage, the rules of normative grammar, which does not effectively contribute to the development of students' communicative competence. Within grammatical approaches, we highlight the study of word classes, more specifically adverbs, which, in the view of normative grammar, are treated in a very simplistic way, not allowing the student to understand the importance of this class for the construction of socially circulating texts. Therefore, the academic work aims to develop a study with the objective of analyzing, from the perspective of linguistic functionalism, the use of adverbs in the music genre. As a theoretical foundation, we rely primarily on the studies by Travaglia (2009) and Possenti (1996), which deal with the conceptions and types of grammar; on the studies of contextualized grammar teaching by Antunes (2007, 2014); on the postulates of Neves (1997) and Cunha (2008) regarding Linguistic Functionalism; and on the contributions of Bakhtin (2000) and Marcuschi (2010) regarding textual/discursive genres. This is a qualitative research, supported by bibliographic and descriptive research methods to compose its *corpus*, we selected five songs listened by people of different age groups and cultures. The analysis conducted on the songs evidences the importance of the grammatical class of adverbs in understanding the global meaning of the text, as within a context of use, they can assume different meanings and functions. Furthermore, we have noticed some inconsistencies in normative-oriented grammars regarding the classification of this grammatical category

**Keywords:** Grammar teaching. Adverbs. Textual Genres. Functionalism.



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

- CFP - Centro de Formação de Professores
- MPB - Música Popular Brasileira
- NGB - Nomenclatura Gramatical Brasileira
- PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais
- PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
- TCC - Trabalho de Conclusão de Curso
- UAL - Unidade Acadêmica de Letras
- UFCG - Universidade Federal de Campina Grande

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 GRAMÁTICA: CONCEPÇÕES E TIPOS</b> .....	13
2.1 DEFINIÇÕES DE GRAMÁTICA .....	13
2.2 TIPOS DE GRAMÁTICA.....	14
2.3 O ENSINO DE GRAMÁTICA NA ESCOLA.....	16
<b>3 FORMALISMO E FUNCIONALISMO: POLOS DE ATENÇÃO OPOSTOS NO PENSAMENTO LINGUÍSTICO</b> .....	19
3.1 LINGUÍSTICA: CONCEPÇÃO E OBJETO .....	19
3.2 FORMALISMO .....	20
3.2 FUNCIONALISMO.....	21
<b>4 ADVÉRBIOS: DAS ABORDAGENS TRADICIONAIS À PERSPECTIVA FUNCIONALISTA</b> .....	24
<b>5 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS</b> .....	28
5.1 TIPOS DE PESQUISA.....	28
5.2 O <i>CORPUS</i> .....	29
5.3 GÊNEROS TEXTUAIS/DISCURSIVOS: ABORDAGEM GERAL .....	29
5.4 O GÊNERO LETRA DE MÚSICA.....	32
<b>6 OS ADVÉRBIOS NO GÊNERO LETRA DE MÚSICA SOB A VISÃO FUNCIONALISTA</b> ..	34
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	40
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	42

## 1 INTRODUÇÃO

O ensino de gramática parece estar sendo ineficaz no espaço escolar. Boa parte dos alunos saem da Educação Básica sem dominar os recursos linguísticos que poderiam auxiliá-los a se expressarem com mais eficiência tanto na modalidade escrita como na modalidade oral. Muitos educandos alegam não gostarem das aulas de gramática, afirmando que esta é difícil e irrelevante para suas vidas. Isso ocorre, talvez, porque a maioria das escolas, ainda adotam práticas de ensino de regras de gramática, na perspectiva metalinguística, nas aulas de língua materna, resultando, quase sempre, em implicações pedagógicas descontextualizadas.

No viés das abordagens gramaticais, destaca-se o estudo das classes de palavras, mais especificamente dos advérbios, os quais, sob a perspectiva da gramática normativa, são apresentados de forma muito simplista, ou seja, há definições que não operam no sentido de que o aluno conheça o funcionamento e a importância dessa classe na construção dos significados dos textos que circulam na sociedade.

Com base nas reflexões acima, a pergunta que elaboramos para nortear essa pesquisa é: como trabalhar os advérbios na perspectiva epilinguística durante as aulas de língua portuguesa? Partimos da ideia de que os conteúdos gramaticais precisam ser trabalhados a partir de um enfoque funcionalista. Para tanto, buscamos desenvolver um estudo, adotando como base teórica o Funcionalismo, mais especificamente os postulados de Neves (1997), expoente nos estudos do Funcionalismo Linguístico. Abordar a gramática numa perspectiva funcionalista é aproximar a forma linguística das funções que ela cumpre socialmente para atender as especificidades das diferentes situações de interação.

Nesse viés, uma das formas de trabalhar os advérbios contemplando o aspecto funcional da língua é através do gênero textual. Com a inserção dos gêneros textuais, podemos realizar o trabalho com a gramática de modo que os alunos possam presenciar formas reais de comunicação. Assim sendo, sugerimos trabalhar a categoria gramatical advérbio a partir do gênero textual letra de música, uma vez que este é um gênero muito próximo do aluno e está presente em todas as culturas.

O objetivo geral deste trabalho é investigar a ocorrência dos advérbios no gênero letra de música sob a visão do Funcionalismo. E como objetivos específicos, delineamos os seguintes: refletir acerca do ensino de gramática na escola; discutir

sobre o funcionalismo linguístico; comparar as definições de advérbios nas gramáticas normativas e funcionalistas; analisar o uso dos advérbios no gênero letra de música de acordo com a perspectiva funcionalista.

Este trabalho fundamenta-se, nos estudos de Travaglia (2008) e Possenti (1996) que tratam sobre as concepções e tipos de gramática; nos estudos sobre o ensino de gramática contextualizada com Antunes (2007, 2014); nos postulados de Neves (1997), conforme explicitado, sobre o funcionalismo da linguagem, considerando também Cunha (2008); nos estudos dos gêneros textuais/discursivos de Bakhtin (2000) e Marcuschi (2010). Trata-se de um estudo de caráter qualitativo, amparado teoricamente pelas pesquisas bibliográfica e descritiva, e está organizado em seis seções, a contar com esta introdução.

Este estudo se justifica por promover uma reflexão acerca do ensino de gramática na escola, e por apresentar um estudo da classe dos advérbios sob a perspectiva funcional da linguagem, oferecendo subsídios aos professores para um ensino mais eficaz na sala de aula.

No que se refere à estrutura textual, este trabalho encontra-se dividido em seis capítulos. Neste capítulo introdutório são apresentados o tema, as motivações de pesquisa, a problemática, a hipótese, os objetivos gerais e específicos bem como os principais aportes teóricos e a metodologia utilizada para realizar essa pesquisa.

No segundo capítulo abordamos as diferentes concepções de gramática, partindo das contribuições de Travaglia (2009) e Possenti (1996); refletimos acerca do ensino de gramática na escola ancorados nos estudos de Neves (2011a); apresentamos uma visão geral do ensino de gramática contextualizada com Antunes (2007, 2014).

Sequencialmente, no terceiro capítulo, discutimos sobre os dois polos do pensamento linguístico: Formalismo e Funcionalismo. Para tal, respaldamo-nos, principalmente, nos postulados de Neves (1997) e Cunha (2008).

No quarto capítulo, apresentamos uma visão geral das definições de advérbios partindo das abordagens tradicionais à perspectiva funcionalista da linguagem. Para isso, utilizamos como aporte as gramáticas de orientação normativa de Cunha e Cintra (2017), Bechara (2009) e Lima (2011), e as gramáticas de orientações funcionalistas de Neves (2011b) e de Castilho (2010).

O quinto capítulo se constitui das considerações de ordem metodológicas. Inicialmente, fazemos uma descrição do tipo de pesquisa e do corpus utilizado. Continuando, apresentamos uma visão geral acerca dos gêneros textuais/discursivos ancorados nos estudos de Bakhtin (2003) e Marcuschi (2010). Para finalizar, discutimos de modo específico o gênero textual letra de música.

No sexto capítulo o enfoque é dado à análise dos advérbios no gênero música sob o olhar do Funcionalismo. Seleccionamos cinco músicas para investigar a ocorrência dos advérbios e os sentidos expressos por essa categoria gramatical.

## 2 GRAMÁTICA: CONCEPÇÕES E TIPOS

Neste capítulo, apresentamos algumas definições e tipos de gramática, assim como um panorama geral acerca do tratamento escolar da gramática. Para tanto, utilizamos como aporte teórico os estudos de Antunes (2007), Travaglia (2009) e Possenti (1996) sobre as concepções e tipos de gramática; os postulados de Neves (2011a) sobre o ensino de gramática na sala de aula; o estudo da gramática contextualizada com Antunes (2014).

### 2.1 DEFINIÇÕES DE GRAMÁTICA

A gramática é, comumente, definida como um conjunto de regras a serem seguidas tanto na modalidade oral, quanto na escrita. No entanto, a língua não é constituída apenas de regras, tampouco deve-se adotar um ensino mecânico de normas da língua.

Seguindo esse viés de discussão, dado que a nossa preocupação é o ensino de gramática, consideramos necessário fazer uma abordagem que contemple a forma e a função da linguagem. Neste caso, é imperativo, primeiramente, definir o que se entende por gramática.

Conforme Antunes (2007, p. 25), “[...] quando as pessoas falam em gramática, desconhecem que podem não estar falando não de uma coisa só, mas de coisas bem diferentes”. Há vários tipos de gramática e o trabalho com cada um desses proporcionará resultados diferentes nas aulas de língua materna.

Ainda, segundo Antunes (2014), na visão de muitas pessoas, a gramática é entendida somente como um mero conjunto de regras, e que saber uma língua é saber gramática. Sendo assim, a autora esclarece que língua e gramática são coisas distintas, sendo a última apenas um dos componentes da primeira. Uma língua é constituída por muito mais do que, simplesmente, uma gramática, logo, a atividade verbal exige mais do que somente o conhecimento da gramática.

Seguindo a discussão, para Travaglia (2009), há três conceitos de gramática: a gramática como sendo o manual de bom uso da língua; a gramática de orientação descritiva (preocupada com a estrutura da língua); e a gramática como o conjunto das

regras que o falante já domina. Desse modo, esses três conceitos já deixam claro a existência de três tipos de gramática.

Nas palavras de Possenti (1996), seja para ensinar ou defender o ensino de gramática é necessário saber defini-la. Para o autor, a palavra gramática pode ser definida como “*conjunto de regras*”. Essa expressão pode ser entendida como: 1) conjunto de regras que devem ser seguidas; 2) conjunto de regras que são seguidas; 3) conjunto de regras que o falante da língua domina.

## 2.2 TIPOS DE GRAMÁTICA

Há vários conceitos para o termo gramática de acordo com a teoria adotada para seu estudo. Assim, nesse tópico, partindo das concepções de gramática de Possenti (1996) e Travaglia (2009), apresentamos, sinteticamente, os diferentes tipos de gramática.

Segundo Possenti (1996) partindo da noção de gramática como conjunto de regras, é possível identificar três tipos de gramática: normativa, descritiva e internalizada. O primeiro tipo que é a **gramática normativa** corresponde ao conjunto de regras que devem ser seguidas pelos usuários da língua, ou seja, é o manual do bom uso da língua.

O segundo tipo é a **gramática descritiva** que equivale ao conjunto de regras que são seguidas pelo falante. Conforme Possenti (1996, p. 64), essa é a gramática “[...] que orienta o trabalho dos linguistas, cuja preocupação é descrever e/ou explicar as línguas tais como elas são faladas”. Logo, a língua na perspectiva da gramática descritiva é vista como um dado variável, sendo possível encontrar as regularidades que condicionam essa variação.

O terceiro tipo de gramática, a **gramática internalizada**, diz respeito ao conjunto de regras que o falante da língua domina. De acordo com Possenti (1996, p. 68), essa gramática “[...] refere-se a hipóteses sobre os conhecimentos que habilitam o falante a produzir frases ou sequências de palavras de maneira tal que essas frases e sequências são compreensíveis e reconhecidas como pertencendo a uma língua”.

Continuando a discussão, ao tratar a questão do ensino da gramática, Travaglia (2009) determina, a partir da concepção que se tem do termo, três tipos de gramática: a normativa, a descritiva e a internalizada.

A gramática normativa, “[...] é aquela que estuda apenas os fatos da língua padrão, da norma culta de uma língua, norma essa que se tornou oficial” (TRAVAGLIA, 2009, p. 30). Essa gramática, que teve a sua origem na Grécia, estabelece um conjunto de regras de bom uso da língua que devem ser seguidas por aqueles que desejam se expressar adequadamente. Dessa forma, qualquer uso linguístico que viole essas regras é considerado um erro, conseqüentemente, outras variedades da língua são excluídas e ignoradas, o que resulta em preconceitos de toda espécie.

Já a gramática descritiva, não se preocupa com o que se diz, nem como se diz na língua, mas como ela é de fato. Essa gramática não prescreve regras, mas descreve e explica as línguas tais como elas são faladas sem infligir nenhum julgamento. Conforme aponta Travaglia (2009, p. 32):

A gramática descritiva é a que descreve e registra para uma determinada variedade da língua em um dado momento de sua existência (portanto numa abordagem sincrônica) as unidades e categorias linguísticas existentes, os tipos de construção possíveis e a função desses elementos, o modo e as condições de uso dos mesmos.

A língua, assim como qualquer outro produto social está em constante transformação, e essas transformações são captadas e consideradas por esse tipo de gramática. As correntes que dão base para a gramática descritiva são o estruturalismo, que privilegia a descrição da língua e a teoria gerativa-transformacional.

A gramática internalizada é a que utilizamos mesmo sem termos consciência disso. O saber gramatical não depende de escolarização, assim, essa gramática vai sendo aprendida naturalmente de acordo com as vivências do falante. Sobre essa concepção de gramática Travaglia (2009, p. 28) aponta:

[...] é aquela que, considerando a língua como um conjunto de variedades utilizadas por uma sociedade de acordo com um o exigido pela situação de interação comunicativa em que o usuário da língua está engajado, percebe a gramática como um conjunto de regras que falante de fato aprendeu e das quais lança mão ao falar

Ao chegar à escola, o aluno já traz consigo uma bagagem enorme de conhecimentos, porém, na maioria das vezes esse conhecimento é ignorado pela



instituição. O professor precisa entender que os alunos são conhecedores da sua própria língua para assim oferecer uma gramática formal, mas sem obrigá-los a deixar de utilizar a gramática que é própria de sua cultura. Dessa forma, teremos um ensino de língua mais produtivo.

Além desses três tipos de gramática, Travaglia (2009) considera outros três. São eles: **gramática implícita**, **gramática explícita ou teórica** e **gramática reflexiva**. A gramática implícita recebe essa nomeação porque, apesar de usar as regras e princípios nas situações de comunicação, o falante não tem consciência dessa competência. Essa gramática possibilita, portanto, um uso automático da língua. A gramática explícita ou teórica é constituída por estudos linguísticos que procuram explicar a estrutura e funcionamento da língua. E por último, a gramática reflexiva que surge da reflexão sobre o funcionamento da língua.

### 2.3 O ENSINO DE GRAMÁTICA NA ESCOLA

Nas últimas décadas, o ensino de gramática na escola, tornou-se objeto de intensa discussão entre os estudiosos da linguagem. O tratamento conferido a esse ensino suscitou muitas críticas, porque há uma insatisfação com os resultados apresentados, ou com a falta deles. Não raro, ouvimos a queixa de que pessoas escolarizadas ou até mesmo com formação universitária evidenciam sérias dificuldades em compreender textos mais complexos, e utilizar uma linguagem mais monitorada. O que se observa é que, apesar de termos inúmeras pesquisas e teorias que oferecem novos caminhos para um ensino de gramática mais contextualizado e funcional, muitos docentes, ainda trabalham a gramática com o foco nas regras e normas estabelecidas pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB). Talvez, faltessem uma concepção clara do que seja gramática e o porquê de ensiná-la.

Em uma pesquisa realizada com professores de língua portuguesa, Neves (2011a) verificou que o ensino de gramática, na visão da maioria dos entrevistados, justifica-se por melhorar o desempenho linguístico do aluno, isto é, escrever e falar melhor. A preocupação maior é com a aquisição do padrão culto da língua. Assim, conhecer regras, nomenclaturas e analisar estruturas da língua se torna o fim último das aulas de língua materna. Esclarecemos que o problema não está em ensinar gramática, mas no modo de ensiná-la, portanto, cabe ressaltar que o mero

reconhecimento dessas estruturas desligadas de aplicação prática não promove um estudo produtivo.

Ainda, de acordo com Travaglia (2009), é comum muitos professores dedicarem a maior parte das aulas ao ensino de metalinguagem, insistem na repetição dos mesmos tópicos gramaticais, ano após ano, sem refletir se realmente estão atendendo às necessidades dos alunos. A consequência disso é que as aulas de português se tornam exaustivas e desinteressantes, e cria nos alunos a falsa crença de que eles não sabem falar português pelo fato de não dominarem as regras da gramática normativa.

Com efeito, essa ideia errônea de que para aprender a falar e escrever bem é necessário conhecer regras e normas privilegia o ensino da metalinguagem relegando o texto da sala de aula, o que talvez atendesse mais o objetivo de desenvolver a competência comunicativa do aluno. De acordo com Antunes (2014, p. 21, grifo da autora):

[...] o que caracteriza uma pessoa que fala, lê e escreve bem é sua capacidade de *dizer com clareza, com relevância, de forma articulada e coerente*, aquilo que é preciso ser dito, num dado momento e a certo interlocutor, o que exige, para além do conhecimento da gramática, o conhecimento do léxico e das normas socioculturais que, pragmaticamente, regulam o comportamento verbal das pessoas.

Dessa forma, reconhecemos que um ensino pautado somente em regras e frases desconectadas de uma situação comunicativa não é eficiente, uma vez que as habilidades comunicativas esperadas pela sociedade atual exigem que os alunos sejam capazes de entender o uso de elementos gramaticais dentro de diferentes gêneros, com variadas funções e propósitos. Sendo assim, um ensino produtivo é aquele que contempla a linguagem numa dimensão social.

Nessa perspectiva, consideramos que uma questão importante para o ensino de língua é a maneira como o professor concebe a linguagem, pois o conceito que se tem acerca da linguagem é a base de tudo que rege o trabalho pedagógico. Nas palavras de Antunes (2014, p. 16), “nossa programação de ensino é ditada pelas concepções que alimentamos”.

Para Antunes (2014), linguagem é interação verbal, é uma atividade realizada entre dois ou mais sujeitos que não consiste somente na troca de informação, mas permite a execução de uma série de propósitos (defender, criticar, elogiar, convencer,

impor, ameaçar etc.). Dessa forma, não faz sentido o professor proceder com um ensino de gramática que não leva em conta o contexto comunicativo, limitando o sucesso das atividades de linguagem ao simples cumprimento de regras gramaticais.

Posto isso, Antunes (2014, p. 46) propõe um ensino de gramática contextualizada. Conforme a autora a gramática contextualizada:

Seria uma perspectiva de estudo dos fenômenos gramaticais, ou uma estratégia de exploração do componente gramatical do texto, tomando como referência seus valores e funções, os efeitos que esses fenômenos provocam nos diversos usos da fala e da escrita.

Como se observa, trabalhar com a gramática contextualizada é explorar o sentido global do texto, considerando os seus propósitos, composição, estilo etc. No entanto, Antunes (2014) destaca que, ao se referir à gramática contextualizada, no âmbito escolar, é comum se concluir que se trata do ensino das normas gramaticais por meio dos variados textos. Os professores utilizam o texto como pretexto para o ensino de metalinguagem, acreditando que dessa forma estão promovendo um ensino contextualizado.

Nesse sentido, trabalhar com a gramática contextualizada não diz respeito apenas ao uso do texto, mas refletir sobre o texto, como as construções gramaticais causam impacto para o sentido geral, isso porque o contexto faz parte da língua, não é possível compreender o sentido das palavras se elas não estiverem dentro de uma situação comunicativa.

Seguiremos, agora, para o terceiro capítulo no qual realizamos uma discussão sobre as duas correntes linguísticas Formalismo e Funcionalismo, destacando suas concepções acerca da linguagem e do ensino de língua materna.

### **3 FORMALISMO E FUNCIONALISMO: POLOS DE ATENÇÃO OPOSTOS NO PENSAMENTO LINGUÍSTICO**

Neste capítulo, apresentamos, inicialmente, uma visão geral acerca da Linguística e seu objeto de estudo, em seguida, tecemos algumas reflexões acerca dos dois polos da abordagem linguística – Formalismo e Funcionalismo. Para tal, utilizamos como referencial teórico os postulados de Neves (1997) sobre Formalismo e Funcionalismo; e os estudos de Cunha (2008) acerca do Funcionalismo Linguístico.

#### **3.1 LINGUÍSTICA: CONCEPÇÃO E OBJETO**

A Linguística é definida, pela maioria dos estudiosos, como a ciência que se dedica ao estudo da linguagem humana. Assim, o objetivo dessa ciência é analisar tudo que faz parte da língua, e essa análise é livre de preconceitos sociais e culturais, uma vez que todas as línguas, independente das variações que apresentam, são de interesse aos estudos linguísticos.

Quanto ao objeto de estudo, Cunha, Costa e Martelotta (2008, p. 21) reitera que:

A linguística tem como objeto de estudo a linguagem humana através da observação de sua manifestação oral ou escrita (ou gestual, no caso da língua de sinais). Seu objetivo final é depreender os princípios fundamentais que regem essa capacidade exclusivamente humana, de expressão por meio de línguas. Para atingir esse objetivo, os linguistas analisam como as línguas naturais se estruturam.

Como se vê, o objeto de interesse da linguística é a linguagem humana, importa-lhe compreender o funcionamento e as estruturas das línguas naturais. Sendo assim, acreditamos que as pesquisas desenvolvidas nessa área podem contribuir para um ensino e aprendizagem de língua produtivo e reflexivo.

Conforme Neves (1997), pode-se identificar dois polos opostos de atenção no pensamento linguístico, o formalismo no qual prioriza a análise da forma linguística, e o funcionalismo, no qual a função das formas linguísticas parece desempenhar um papel preeminente.

### 3.2 FORMALISMO

No que se refere à origem do Formalismo, Neves (1997) ressalta que esse polo tem os maiores representantes no estruturalismo americano (com Bloomfield, Trager, Bloch, Harris, Fries) e está também nos contínuos modelos de gerativismo, resultando na teoria padrão de Chomsky.

A tradição formal considera a linguagem como entidade suficiente em si. Nesse sentido, priorizam-se as características internas da língua, seus constituintes e as relações entre eles. Dessa forma, a língua é analisada nas relações entre suas partes e princípios que orientam sua organização, produzindo explicações que partem da própria estrutura.

Em termos gerais, o Formalismo se caracteriza pela tendência de analisar a língua como sistema autônomo, cuja estrutura não resulta de seu uso em situações de interação. A esse respeito Dillinger (1991, p. 397) destaca a seguinte assertiva:

[...] os formalistas — entre eles os gerativistas — estudam uma língua como se fosse um objeto descontextualizado [...] preocupam-se com as características internas de determinada língua — seus constituintes e as relações entre eles — sem se preocupar com as relações entre esses constituintes e seus significados ou entre a língua e seu meio.

Assim, em decorrência das práticas formalistas, de frisar principalmente a forma linguística, sem considerar o contexto em que a língua se situa, é comum depararmos com concepções de língua como ‘conjunto de frases’, ‘sistema de signos’, igualando a língua com a sua gramática, nesse caso, a gramática internalizada.

Ainda, segundo Dik (1987 *apud* NEVES, 1997), no paradigma formal uma língua natural é percebida como um sistema abstrato autônomo em relação aos modos de uso, sendo definida como um conjunto de orações, as quais devem descrever-se independente do contexto.

De acordo com Hoffman (1987 *apud* NEVES, 1997), uma gramática formalmente orientada trata da estrutura sistemática das formas de uma língua. A Gramática formalista é definida por seu aspecto de estudar os fatos e os elementos gramaticais mediante um modelo formal.

Seguindo a discussão, Beaugrande (1993 *apud* NEVES, 1997) destaca que o enfoque nos dados formais é decorrente da decisão estruturalista de analisar a língua em si mesma e por si mesma e de explicar cada subdomínio por critérios internos.

Diante do que foi exposto, cabe reafirmar que a abordagem formalista, nas suas mais representativas abordagens gramaticais, corresponde a uma perspectiva que lança explicações pautadas na estrutura sistemática da língua, mostrando-se, contudo, incapaz para desenvolver a competência comunicativa de seus usuários, já que, ao focar em um estudo voltado para a forma e estrutura interna da língua, relega as relações existentes entre ela e o contexto de uso, tornando a aprendizagem mecânica e, portanto, semelhante à gramática normativa.

### 3.2 FUNCIONALISMO

Conforme Neves (1997) é difícil apontar uma visão geral do que vem sendo denominado de funcionalismo, já que as abordagens funcionalistas estão mais ligadas aos nomes dos autores que a desenvolveram do que às características da corrente teórica. Entretanto, há um entendimento global de que tratar a linguagem no viés funcionalista é buscar no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua. Sobre o conceito de funcionalismo Neves (1997, p. 15) pontua:

Por Gramática funcional entende-se, em geral, uma teoria da organização gramatical das línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global da interação social. Trata-se de uma teoria que assenta que as relações entre as unidades e as funções das unidades têm prioridade sobre seus limites e sua posição, e que entende a gramática como acessível às pressões do uso.

A linguagem é entendida no funcionalismo como instrumento de interação social e, por isso, não pode ser analisada dissociada dos usos; é preciso considerar o contexto e os falantes para compreender os sentidos dos diversos textos. Ainda sobre o funcionalismo, Cunha (2008, p. 157) o define como “[...] uma corrente linguística que se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas”. Essa abordagem linguística busca trabalhar com dados reais de fala ou escrita, distinguindo-se,

portanto, da abordagem formalista, que está mais preocupada com a estrutura interna da língua.

No que concerne à origem do Funcionalismo, Neves (1997) destaca que este está ligado às Escolas de Praga (com Mathesius e, a seguir, Trubetskoy, Jakobson, Danes, Firbas, Vachek, Sgall, etc.); de Genebra (com Saussure e, a seguir, Bally e Tesnière); de Londres (com Firth e, a seguir, Halliday); e o Grupo da Holanda (com Reichling e, a seguir, Dik). É na Escola de Praga e nos modelos de gramática de Michael Halliday e de Simon Dik, que o funcionalismo está mais representado.

Cunha (2008) atribui aos membros da Escola de Praga as primeiras análises na linha funcionalista. Os integrantes dessa escola tiveram mais relevo na área dos estudos fonológicos, dos quais podemos destacar Jakobson e Martinet que são considerados os dois teóricos mais relevantes do pensamento linguístico da Escola de Praga.

Além do funcionalismo europeu, cabe ressaltar a influência da abordagem norte-americana, para o surgimento das perspectivas funcionalistas. De acordo com Cunha (2008, p. 163) “[...] é por volta de 1975 que as análises linguísticas explicitamente classificadas começam a proliferar na literatura norte-americana”. Os funcionalistas norte-americanos, assim como os demais, defendem que uma estrutura da língua não pode ser devidamente analisada sem referência à sua função no ato comunicativo.

Dentre os princípios e as categorias centrais da corrente funcionalista norte-americana, Cunha (2008) destaca a *informatividade*, a *iconicidade*, a *marcação*, a *transitividade* e a *gramaticalização*. A *informatividade* evidencia o conhecimento que os interlocutores compartilham na interação verbal. O princípio da *iconicidade* aponta que há uma relação entre a forma e a função. A expressão linguística reflete a nossa realidade; no princípio da *marcação* o ponto chave é o de contraste entre dois elementos linguísticos; a *transitividade* de uma oração reflete a sua função discursiva característica; *gramaticalização* é concebida como um fenômeno relacionado à necessidade de adaptações comunicativas e cognitivas dos falantes. O contexto é que faz um item sofrer o processo de gramaticalização.

A abordagem funcionalista defende uma teoria baseada no uso, a língua é observada do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística. E é considerada como uma estrutura maleável, já que está sujeita às pressões do uso.

Assim, o funcionalismo adota a hipótese de que a linguagem se adequa às necessidades de comunicação dos seus falantes. Nesse sentido, a abordagem funcionalista proporciona ao aluno a oportunidade de reconhecer diferentes possibilidades de usos da língua nos mais variados contextos.

Continuando a discussão, no próximo capítulo, realizamos uma reflexão acerca dos advérbios, comparando as tipologias adverbiais nas gramáticas normativas e na linguística de orientação funcionalista. Para tanto, selecionamos como aporte as gramáticas normativas de Cunha e Cintra (2017), Rocha Lima (2011), Bechara (2009) e as gramáticas funcionalistas de Neves (2011b) e Castilho (2010).



#### 4 ADVÉRBIOS: DAS ABORDAGENS TRADICIONAIS À PERSPECTIVA FUNCIONALISTA

Segundo Câmara Jr. (2011) são três os critérios para classificar um vocábulo: o semântico, o sintático e o funcional. No que diz respeito à categoria gramatical *advérbios*, muitos gramáticos e linguistas reconhecem que estes formam uma classe problemática, quaisquer que sejam os critérios usados para conceituá-los. É uma classe que resiste a uma caracterização precisa. Conforme Bechara (2009), devido à sua natureza heterogênea, é difícil adotar uma classificação uniforme e coerente dos advérbios.

Na maioria das gramáticas tradicionais, os advérbios recebem um tratamento semelhante, em que predomina a ideia de uma classe de palavras invariável cuja função é modificar o verbo, o adjetivo e o próprio advérbio. No entanto, essa definição homogênea não resiste a uma análise mais apurada, evidenciando, então, as limitações das gramáticas de orientação normativa. No quadro a seguir, apresentamos as definições de advérbios propostas por diferentes gramáticas tradicionais.

**Quadro 1** - Definições do advérbio nas gramáticas tradicionais

TEÓRICOS	DEFINIÇÕES
Cunha e Cintra (2017, p. 555-556)	O advérbio é, fundamentalmente, um modificador do verbo. A essa função básica, geral, certos advérbios acrescentam outras que lhe são privativas. Assim, os chamados advérbios de intensidade e formas semanticamente correlatas podem reforçar o sentido a) de um adjetivo [...]; b) de um advérbio [...], saliente-se ainda que alguns advérbios aparecem, não raro, modificando toda a oração.
Lima (2011, p. 226)	Advérbios são palavras modificadoras do verbo. Servem para expressar as várias circunstâncias que cercam a significação verbal. Alguns advérbios, chamados de intensidade, podem também prender-se a adjetivos, ou a outros advérbios, para indicar-lhes o grau.
Bechara (2009, p. 356)	Advérbio – É a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância[...] e desempenha na oração a função de adjunto adverbial. O <i>advérbio</i> é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Nota-se que, nas gramáticas analisadas há consenso no que diz respeito à caracterização geral do advérbio como palavra modificadora de verbo. Os autores supracitados concordam que além de modificar o verbo, há a possibilidade de modificar o adjetivo ou outro advérbio. Cunha e Cintra (2017) e Bechara (2009) ainda reconhecem a possibilidade de haver advérbios modificadores de oração. Bechara (2009), considera, também, que pode ocorrer de um advérbio modificar um substantivo.

Quanto à classificação, segundo o critério semântico, Cunha e Cintra (2017) apresentam os seguintes tipos de advérbios: afirmação, dúvida, intensidade, lugar, modo, tempo e negação. Já Lima (2011) se opõe com relação aos advérbios de afirmação, considerando que estes, por não expressarem circunstâncias, não podem ser definidos com tal. O autor aponta cinco tipos: dúvida, intensidade, lugar, modo e tempo. Continuando, Bechara (2009) não integra em sua lista os advérbios de afirmação. Esse autor apresenta, em relação aos outros autores, um número maior de circunstâncias passíveis de serem expressas por advérbios, são elas: assunto: causa, companhia, concessão, condição, conformidade, dúvida, fim, instrumento, intensidade, lugar, modo, referência, tempo e negação.

Em síntese, das três gramáticas consultadas, constatamos que tanto Cunha quanto Cintra (2017), Lima (2011) e Bechara (2009) abordam a classe dos advérbios de forma superficial. Estes não contemplam a dinamicidade da língua e deixam de lado algumas classes que podem ser modificadas pelos advérbios, desse modo, as gramáticas tradicionais não podem ser vistas como modelo canônico e inquestionável. Sendo assim, acreditamos que, por considerarem o contexto de uso, as pesquisas na área da Linguística funcional podem propiciar um exame mais aprofundado dessa classe, ampliando os conceitos e classificação apontados pelas gramáticas tradicionais.

Os estudos linguísticos acerca da categoria gramatical advérbios partem da heterogeneidade dessa classe. Segundo Texeira (2010), são várias as tentativas de reformular a teoria dos advérbios. Assim, “a linguística funcionalista procura trazer uma tipologia mais específica em relação aos advérbios” (TEXEIRA, 2010, p. 42).

Para Ilari (2007), na prática, a teoria gramatical apresenta várias situações conflitantes e de aplicação duvidosa, pois tende a incluir entre os advérbios uma

quantidade enorme de palavras que, apenas em algumas ocorrências particulares atendem aos critérios de classificação dessa classe.

Bomfim (1988), também faz uma crítica à conceituação de advérbio dada pelas gramáticas tradicionais, já que, de acordo com a sua visão, há advérbios que não expressam circunstância, não se referem ao processo verbal e não são intensificadores como afirmam tradicionalmente as gramáticas. Os advérbios de negação, afirmação e dúvida integram-se nesse caso. Tais palavras, na verdade, manifestam uma opinião do falante ou sua dúvida sobre o enunciado.

Ainda, de acordo com Bomfim (1988), sobre a função do advérbio, é importante destacar que este pode exercer, na oração, a função de sujeito, como podemos observar no exemplo apontado pela autora. “Hoje e amanhã são dias de festa” (BOMFIM, 1988, p. 31). No exemplo apresentado, nota-se que os advérbios *hoje* e *amanhã* estão exercendo a função de sujeito da oração. Desse modo, entende-se que nos contextos de uso, os advérbios podem ser explorados diferentemente dos apontamentos apresentados pela tradição gramatical.

Neves (2011b), por sua vez, com relação à natureza do advérbio, conceitua-os sob o ponto de vista morfológico, para o qual o advérbio é invariável, e sob o ponto de vista sintático, o qual reconhece o advérbio como uma palavra periférica (satélite do núcleo). No entanto, conforme a autora, encontram-se casos restritos de advérbio flexionado em gênero e número, como podemos visualizar no exemplo a seguir. “É que ela tá **MEIA** doente, já não tem vontade” (NEVES, 2011, p. 234, grifo da autora). Percebemos que o advérbio ‘meio’ foi flexionado em gênero, assim, há situações de uso da língua, em que os falantes flexionam os advérbios para atender melhor aos seus propósitos comunicativos, o que seria considerado erro pela gramática normativa. Há, também, situações em que os advérbios são utilizados com sufixo diminutivo, mas que, em geral, assume o valor não de diminuição de tamanho, mas de intensificação. “**agorinha** mesmo; os castigos vinham **depressinha**; o povo esquece **loguinho**” (NEVES, 2011b, p. 234, grifos da autora).

Ademais, Neves (2011b) apresenta duas grandes classes: os advérbios modificadores e os advérbios não-modificadores. Os modificadores são aqueles que afetam o sentido do elemento ao qual se referem, fazendo uma predicação; e os não modificadores são os que não afetam o sentido do elemento ao qual fazem referência. Ainda, diferentemente das conceituações apresentadas pelas gramáticas de

orientação normativa, as quais apontam que os advérbios são modificadores de verbo, adjetivo e advérbio, Neves (2011b) destaca que estes também podem modificar outras classes de palavras, como o substantivo, numeral, pronomes e conjunção. Observemos os exemplos a seguir: “[...] Greve **AGORA** não vai nada bem[...] E por isso **MESMO** tão cansados e não querem sabe de arriscá o emprego” (NEVES, 2011b, p. 235, grifos da autora). Na primeira frase, temos um advérbio modificando um substantivo e na segunda temos um advérbio modificando um pronome.

Castilho (2010), observando a sintaxe do advérbio, classifica essa classe segundo seu escopo. Conforme o autor, alguns advérbios tomam por escopo um constituinte da sentença, e outros tomam como escopo toda a sentença. Ainda, tratando do aspecto sintático do advérbio, Castilho (2010, p. 545) afirma que, “[...] o exame das funções sintática dos advérbios mostra que eles podem (i) atuar como classe quase argumental; (ii) atuar como adjuntos; (iii) atuar como marcadores sintáticos de argumentos e adjuntos”.

No que concerne à semântica do advérbio, Castilho (2010) compreende três classes: os predicativos, os de verificação e os dêiticos. Para Castilho (2010) advérbios são basicamente operadores que transferem para seu escopo características semânticas de que elas não dispunham, ou então, afirmam, negam, incluem ou localizam no tempo e no espaço as classes-escopo da sentença.

Diante das reflexões expostas acerca dos advérbios, concordamos com os autores na medida em que postulam que não se trata de uma classe homogênea e, portanto, demanda maior cuidado quanto ao seu estudo e ensino. Os advérbios desempenham uma função importante na língua e não podem ser relegados pela sua própria complexidade, assim, o seu estudo não pode ser tratado de maneira simplista no espaço escolar.

Traçaremos, a seguir, o percurso metodológico que caracteriza a presente pesquisa; apresentamos, ainda, uma visão geral sobre os gêneros discursivos, para, em seguida, tecermos considerações especialmente acerca do gênero discursivo música.

## 5 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Neste capítulo, apontamos o caminho metodológico escolhido para desenvolver esta pesquisa. Inicialmente, apresentamos o tipo de pesquisa que foi realizada. Após isso, realizamos uma breve descrição sobre o corpus da pesquisa. Continuando, expomos uma visão geral acerca dos gêneros textuais/discursivos ancorados nos estudos de Bakhtin (2003) e Marcuschi (2008). Para finalizar, estreitamos a discussão para o gênero textual música

### 5.1 TIPOS DE PESQUISA

Conforme Gonsalves (2001), as pesquisas científicas podem ser classificadas conforme os seguintes critérios: de acordo com os objetivos, de acordo com os procedimentos de coleta, de acordo com as fontes de informação e de acordo com a natureza dos dados.

Quanto aos objetivos, esta pesquisa é caracterizada como descritiva. Conforme Gonsalves (2001, p. 65), esse tipo de pesquisa “[...] objetiva escrever as características de um objeto de estudo”, no nosso caso, o advérbio. Nesse tipo de pesquisa, a preocupação do pesquisador, volta-se não para o porquê, nem para as fontes pesquisa, mas para a apresentação das suas características.

Quanto aos procedimentos de coleta e, quanto às fontes de informações, essa pesquisa caracteriza-se como bibliográfica. De acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 54), a pesquisa bibliográfica é “[...] elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos, artigos científicos [...]”. Assim, buscamos fazer uma investigação a partir de materiais publicados por alguns teóricos/pesquisadores que são referência na área.

Quanto à natureza dos dados, essa pesquisa é de abordagem qualitativa, uma vez que não fizemos uso de métodos e técnicas estatísticas, mas buscamos reconhecer e analisar o uso dos advérbios no gênero música a partir de um enfoque funcionalista. Segundo Gonsalves (2001, p. 68), ao optar pela pesquisa qualitativa, cabe “[...] ao pesquisador corrigir desequilíbrios, esforçar-se para ampliar o conjunto de materiais disponíveis para dar conta de um entendimento amplo sobre o seu problema”.

Para realizar a pesquisa, inicialmente fizemos um levantamento bibliográfico da teoria base para o estudo que será empreendido. Fizemos fichamentos e resumos como os instrumentos de pesquisa indispensáveis para a compreensão e estudo da teoria; na etapa seguinte, fizemos a análise do uso dos advérbios em letras de música sob o prisma funcional da língua para explorar a categoria pretendida no intuito de responder à pergunta de pesquisa.

## 5.2 O CORPUS

O universo da pesquisa são letras de músicas que apresentam a categoria gramatical advérbios. Optamos por trabalhar com o gênero música por este ser muito presente no cotidiano das pessoas, constituindo-se como um instrumento de propagação de sentimentos, ideologias, críticas etc. Já a escolha pela categoria advérbios deu-se por conta do reducionismo com que essa classe vem sendo tratada na perspectiva tradicional.

Desse universo, o *corpus* escolhido foram cinco músicas, são elas: ‘pertinho de mim’ da cantora Maisa Silva; ‘cotidiano’ de Chico Buarque; ‘apaixonadinha’ de Marília Mendonça; ‘felizmente’ de Sial; ‘há uma unção’ de Kleber Lucas. As letras de músicas selecionadas são ouvidas por pessoas de diferentes faixas etárias e culturas, e estas foram analisadas a fim de podermos identificar o advérbio e os sentidos expressos por essa categoria, assim como, apresentar as limitações da gramática normativa quanto à classificação dessa classe. As letras foram coletadas do *site Letras*, das cinco selecionadas: uma pertence ao gênero da Música Popular Brasileira (MPB), uma ao gênero infantil, uma ao gênero sertanejo, uma ao gênero rock e uma ao gênero gospel.

## 5.3 GÊNEROS TEXTUAIS/DISCURSIVOS: ABORDAGEM GERAL

A proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de respaldar o ensino de língua materna nos gêneros do discurso suscitou uma significativa atividade de pesquisa acerca da diversidade conceitual e terminológica dos gêneros. Assim, nos últimos anos, a noção de gênero tornou-se o foco de atenção de muitos pesquisadores

preocupados com uma prática que privilegie a interação verbal. No entanto, vale ressaltar, que o estudo sobre o conceito de gênero não é novo, conforme Marcuschi (2008), iniciou-se ainda na Grécia Antiga, tendo origem em Platão a tradição poética e em Aristóteles a tradição retórica.

A pesquisa atual acerca dos gêneros toma como ponto de partida os estudos de Mikhail Bakhtin. O filósofo russo foi o primeiro autor a ampliar a reflexão sobre os gêneros a todos os textos, tanto da vida cotidiana como da arte. Para Bakhtin (2003, p. 262, grifos do autor) “cada campo de utilização da língua elabora seus *‘tipos relativamente estáveis’* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*”. Na perspectiva bakhtiniana, o enunciado é o dito, que pode ser falado ou escrito, e é considerado a unidade real do discurso. Os enunciados são constituídos de três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Cabe salientar que o enunciado não é o gênero, entretanto, este se realiza por meio dos gêneros do discurso. Sobre os gêneros o autor pontua:

Os gêneros do discurso organizam o nosso discurso da mesma forma que organizam as formas gramaticais (sintáticas). Nós aprendemos a moldar nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, adivinhamos um determinado o volume [...], uma determinada estrutura composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo da fala. (BAKHTIN, 2003, p. 283)

Como se observa, os gêneros discursivos estão presentes na nossa vida diária e organizam nossa comunicação. Dessa forma, todas as nossas falas estão articuladas em um gênero. Cada situação comunicativa origina seus gêneros com as características temáticas, composicionais e estilísticas que lhe são peculiares. E dada diversidade de esferas da atividade humana a variedade dos gêneros do discurso é infinita. Conforme novas esferas da atividade humana vão aparecendo, novos gêneros vão se formando. Assim, devido a esta imensa heterogeneidade, Bakhtin divide os gêneros em primários e secundários.

Não se deve, de modo algum, minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros do discursivos e a dificuldade daí advinda de definir a natureza geral do enunciado. Aqui é de especial importância atentar para a diferença essencial entre o gênero de discurso primário

(simples) e o gênero de discurso secundário (complexo) [...]. (BAKHTIN, 2003, p. 263).

Deste modo, os gêneros primários são específicos de situações comunicativas cotidianas, espontâneas, que sugerem uma comunicação imediata, como a carta o bilhete, o diálogo cotidiano. Já os gêneros secundários surgem em situações comunicativas mais complexas e elaboradas, como uma tese científica, romance, palestra etc.

Marcuschi (2010, p.19) concebe os gêneros textuais “[...] como fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social”. Segundo o autor, os gêneros estabilizam e organizam as atividades comunicativas. Para ele, os gêneros são instrumentos dinâmicos e maleáveis, podendo modificar-se para atender as necessidades comunicativas dos falantes. Conforme as sociedades avançam, e consequentemente a tecnologia evolui, novos gêneros vão se formando.

De acordo com Marcuschi (2008, p. 154), “[...] toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero”. Dessa forma, sempre que interagimos com outro nos valem os gêneros textuais. Logo, apoderar-se dos gêneros é uma maneira de socialização, pois dominar um gênero é “[...] uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares” (MARCUSCHI, 2008, p.154).

Para Marcuschi um ponto relevante no estudo dos gêneros é a distinção entre “gêneros textuais” e “tipos textuais”, há uma confusão e mistura com relação a esses dois conceitos, e na visão do autor isso pode esvaziar a noção de gênero textual de sua carga sociocultural. Sendo assim, o autor considera pertinente esclarecer essas duas noções. Segundo Marcuschi (2010, p. 23) “[...] usamos a expressão tipo textual para designar uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas)”. Os tipos textuais abrangem cerca de cinco categorias já bem conhecidas: narração, argumentação, descrição, exposição, injunção. Já os gêneros textuais referem-se aos textos materializados em situações de comunicação. Cabe salientar que o texto pode apresentar em seu conteúdo mais de um tipo textual.

Diante dessa discussão, compreendemos que o estudo dos gêneros textuais traz resultados positivos para as aulas de língua materna, pois considera a língua em uso, numa perspectiva funcional. Visto que a comunicação verbal acontece por meio



de gêneros, sejam eles orais ou escritos, é fundamental conhecer e dominar uma variedade de gêneros a fim de utilizá-los de forma eficiente nas várias esferas discursivas e contextos existentes.

#### 5.4 O GÊNERO LETRA DE MÚSICA

As letras de músicas são construções textuais muito presentes no cotidiano da sociedade, se constituindo, portanto, como uma das formas textuais mais absorvidas pela maior parte da população. O gênero letra de música não é apenas um texto lúdico, que visa entreter os seus ouvintes, mas, também, tem como propósito comunicativo transmitir mensagens, que podem ser de cunho político, moral, social etc. Por meio das letras de músicas são expressos ideologias, culturas, sentimentos, denúncias, e para isso, os músicos e compositores se apropriam dos mais diferentes estilos musicais. Sendo assim, as letras de músicas têm o poder de levar os ouvintes a desenvolverem um pensamento crítico acerca das questões sociais e problemas do cotidiano, desse modo, compreendemos que ela é um excelente instrumento pedagógico para ser utilizado em sala de aula.

Na educação infantil é muito frequente a utilização da letra de música na sala de aula, no entanto, percebe-se que esta é usada apenas de forma lúdica, sem explorar as suas funções dentro de uma situação comunicativa. Ao optar por esse gênero, o professor precisa explorar os aspectos sociodiscursivos, refletindo sobre o seu funcionamento na sociedade.

No que diz respeito à materialidade linguística da música, Costa (2003) defende que na letra de música, há uma predominância de palavras de uso cotidiano, existência de uma maior liberdade em relação às regras normativas da sintaxe, permissão de repetições e quebra de frases, palavras, sílabas e sons. Diante de toda essa riqueza de expressividade, as letras de músicas podem ser eficazes nas aulas de língua portuguesa, e contribuir para o desenvolvimento das competências linguísticas e discursivas do alunado.

Concluimos, que as letras de músicas são ótimas aliadas para transformar a sala de aula em espaço agradável e acolhedor, no qual o aluno aprenderá com prazer. E Por ser um gênero muito presente no cotidiano dos alunos, eles têm mais facilidade

de lidar com ele, assim aprender os conteúdos tradicionais por meio de letras de música será uma tarefa mais prazerosa e o aluno se sentirá mais motivado a participar da aula.

Dada a relevância do gênero letra de música e sua influência no comportamento humano, determinando modos de falar, de agir e de pensar, compreendemos que trabalhar os advérbios a partir desse gênero trará contribuições para o estudo da gramática na sala de aula favorecendo a perspectiva funcional da língua.

No próximo capítulo, realizamos uma breve análise dos advérbios em letras de música de acordo com a perspectiva funcionalista.

## 6 OS ADVÉRBIOS NO GÊNERO LETRA DE MÚSICA SOB A VISÃO FUNCIONALISTA

Neste capítulo, dedicamo-nos à análise das letras das músicas supracitadas sob o viés funcionalista da linguagem. Para isso, ressaltamos que poderão ser feitos alguns recortes das letras para uma melhor análise e compreensão.

Como já afirmamos, as gramáticas tradicionais, de forma geral, classificam os advérbios como uma classe invariável modificadora de um verbo, um advérbio ou o próprio advérbio, e aportam cerca de dez circunstâncias que podem ser expressas por essa categoria gramatical. No entanto, essas definições mostram-se insuficientes quando analisamos a língua em uso, uma vez que dentro de uma situação real de interação, a classe de advérbios pode apresentar características sintáticas e semânticas diferentes da proposta pela gramática tradicional.

Nesse viés, é importante pensar em linguagem do ponto de vista interativo, e, dessa forma, trabalhar as classes de palavras levando em consideração as múltiplas possibilidades que elas podem assumir. Desse modo, separamos cinco músicas para analisar o uso dos advérbios, explorando as diferentes funções e sentidos que estes expressam, bem como sua importância para o sentido global do texto. Vejamos as músicas abaixo.

### MÚSICA 1- PERTINHO DE MIM (Maisa Silva)

Novela carrossel – 2012

Fica perquinho de mim  
 Deixa eu pegar tua mão  
 Quero te dar meu carinho  
 E o meu coração  
 Quando eu olhei nos teus olhos  
 Nem consegui respirar [...]  
 Tudo ficou em silêncio  
 Que lindo é se apaixonar  
 Só de pensar tenho medo  
 Se você não me aceitar  
 Vou te contar um segredo  
 Eu quero te namorar [...]  
 Hoje eu me vi no espelho  
 Sorrindo imaginando  
 Nós dois brincando juntinhos  
 Sempre sorrindo e cantando [...]

Fonte: <https://www.letras.mus.br/carrossel-2012/pertinho-de-mim/>. Acesso em: 03 maio 2023.

Na letra acima, as duas palavras destacadas “*pertinho*” e “*juntinho*” pertencem à classe gramatical advérbios. No entanto, percebemos que esses dois advérbios sofreram uma variação, pois estão flexionados em grau – o que para a gramática de orientação tradicional é impossível ocorrer. Logo, se o termo invariável é compreendido como algo que não se flexiona, constante ou imutável, os advérbios “*perto*” e “*junto*” não poderiam se flexionar. Desta forma, nota-se que a proposta de se considerar os advérbios morfologicamente palavras invariáveis, não é uma obrigatoriedade, mas sim facultativa.

Como se observa, o advérbio foi usado com o sufixo no diminutivo não para denotar diminuição de tamanho, mas de intensificação. O uso diminutivo no termo “*pertinho*” sugere uma ideia de “muito perto” e “*juntinho*” expressa uma ideia de “bem juntinho”, essa diminuição de intensificação é muito comum ao gênero musical infantil, visto que são letras, na maioria das vezes, carregadas de afeto.

De acordo com as propostas dos estudos funcionalistas, como os de Neves (1997, 2011b) por exemplo, fatos como esses são explicados diante da funcionalidade da língua, pois dependendo o contexto comunicativo a língua pode sofrer variações. Nesse caso, os advérbios foram flexionados para atender melhor aos propósitos comunicativos do falante, logo, é o contexto que motiva as construções linguísticas.

### MÚSICA 2 - COTIDIANO (Chico Buarque)

Todo dia ela faz tudo sempre igual  
 Me sacode às seis horas da manhã  
 Me sorri um sorriso pontual  
 E me beija com a boca de hortelã

Todo dia ela diz que é pra eu me cuidar  
 E essas coisas que diz toda mulher  
 Diz que está me esperando pro jantar  
 E me beija com a boca de café

Todo dia eu só penso em poder parar  
Meio dia eu só penso em dizer não  
Depois penso na vida pra levar  
 E me calo com a boca de feijão

Seis da tarde como era de se esperar  
 Ela pega e me espera no portão  
 Diz que está muito louca pra beijar  
 E me beija com a boca de paixão

<p><u>Toda noite</u> ela diz pra eu não me afastar  <u>Meia-noite</u> ela jura eterno amor  E me aperta pra eu quase sufocar  E me morde com a boca de pavor</p> <p><u>Todo dia</u> ela faz tudo sempre igual  Me sacode <u>às seis horas</u> da manhã  Me sorri um sorriso pontual  E me beija com a boca de hortelã</p>
---

Fonte: <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/82001/>. Acesso em: 03 maio 2023.

Na letra acima, percebemos que advérbios e locuções adverbiais atribuem uma circunstância de tempo, constroem uma rotina, representando ações que acontecem com frequência no dia a dia de um casal. Sendo assim, ressaltamos, que os advérbios são essenciais para construir o sentido geral da música, já que são os adjuntos adverbiais escolhidos pelo compositor, e a repetição deles, que criam a ideia de um cotidiano repetitivo e monótono.

Desse modo, percebemos que é fundamental reconhecer a funcionalidade da classe advérbio em meio a situações comunicacionais e interativas, para isso não devemos pautar o seu ensino exclusivamente na gramática normativa, é preciso adotar uma visão funcional da linguagem. Como afirma Cunha (2008), a abordagem funcionalista vai além da estrutura gramatical, buscando na situação comunicativa a motivação para os fatos da língua.

Logo, para um melhor entendimento dessa classe e os sentidos operados por ela, é de suma importância que o professor trabalhe dentro de um contexto real de uso. O ensino de língua materna não pode desvincular-se das realidades linguísticas dos alunos, da funcionalidade comunicativa e dos objetivos interacionais a serem obtidos por meio da linguagem.

<b>MÚSICA 3 - FELIZMENTE (Sial)</b>
-------------------------------------

<p>Um dia desses tive um sonho  Que me ensinava como enfrentar  A vida como ela é  Sem ninguém te enganar  Aprendi como cair sem se machucar  E logo após de cada queda como se levantar  <u>Felizmente</u> um dia consegui te conhecer  Você me disse que era preciso amar para poder viver</p>
--

Aprendi que confiar é se iludir demais  
 As pessoas não são as mesmas que há um  
 tempo atrás  
Felizmente em mim você pode confiar  
 Mesmo que suas ideias não venham a me  
 agradar  
 Mas no sonho me esqueci que nem tudo era  
 igual  
 Foi então que acordei meio fora do normal  
 Esqueci meu nome, esqueci como viver  
 Só não me esqueci de te dizer  
 Pra não olhar pra trás, não se arrepender do  
 que faz  
 Disso eu não me esqueço jamais

Fonte: <https://www.letras.mus.br/sial/65488/>. Acesso em: 03 maio 2023.

O advérbio “felizmente”, na perspectiva funcional, segundo Neves (2011b) é caracterizado como um modalizador afetivo ou atitudinal, indicando um estado de espírito do falante em referência ao conteúdo da asserção. Assim, esse advérbio toma como escopo toda a oração, ficando evidente o estado de alegria do falante com relação à proposição.

Nessa letra, o uso desse advérbio realça o contentamento do falante, colocando em relevo os sentimentos que são despertados nele pelo conteúdo sentencial. O advérbio denota a alegria do falante com relação à pessoa amada.

#### MÚSICA 4 – APAIXONADINHA

(Marília Mendonça / Participação: Léo Santana e Dida banda)

Sabe por que?  
 Fico mandando mensagens querendo te ver?  
 Sabe por que?  
 Você me faz bem  
 Eu não consigo pensar em ninguém

Ó, que coisa boa  
 Tô sorrindo à toa  
 Tô 100% de boa, de boa, de boa

Apaixonadinha, você me deixou  
 Apaixonadinha, você me deixou  
 Apaixonadinha, você me deixou  
 Vem ficar perto da sua menina

Apaixonadinho, você me deixou Apaixonadinho, você me deixou Apaixonadinho, você me deixou Vem ficar perto aqui do seu pretinho [...]
---

Fonte: <https://www.letras.mus.br/marilia-mendonca/apaixonadinha-part-leo-santana-e-dida-banda-feminina/>. Acesso em: 03 maio 2023.

O advérbio “apaixonadinha” está modificando o sentido do verbo. O uso diminutivo denota efeitos de sentido de afeto, na maioria das vezes, relacionado ao gênero musical sertanejo e em letras de música que, dentre outros temas, retratam a emoção e o sentimento de “sofrência” do enunciador ao dirigir se à mulher amada. Assim, quando analisamos essa classe dentro de um contexto, o aluno consegue visualizar o sentido que este expressa para a construção do texto.

<b>MÚSICA 5 – HÁ UMA UNÇÃO</b> <b>(Kleber Lucas)</b>
---

Há uma unção, já posso sentir <u>Verdadeiramente</u> Deus está aqui Há uma unção, já posso sentir <u>Verdadeiramente</u> Deus está aqui Eu prefiro estar na Tua casa, ó Senhor Onde flui um rio de amor Onde flui a bênção do Senhor  Eu prefiro estar no meio da congregação E no meio desta comunhão Servindo ao meu Deus E aos meus irmãos Ah, ah! Ah, ah! Como é bom viver em união Ah!! Ah!! Como és precioso meu irmão[...]
--

Fonte: <https://www.letras.mus.br/kleber-lucas/201553/> . Acesso em: 03 junho 2023.

Conforme Neves (2011b), os advérbios modalizadores asseverativos indicam uma crença, uma opinião, uma expectativa sobre uma declaração. Assim, a utilização desses modalizadores mostra que o falante considera verdadeiro o conteúdo do que se diz, numa afirmação ou numa negação. O advérbio “verdadeiramente”, destacado na letra acima, integra esse grupo de modalizadores asseverativos. Esse advérbio expressa, nessa música, um alto grau de adesão do falante ao assunto proposicional,

não dando margens a dúvida, gerando uma ênfase do conteúdo da sentença. O falante assevera, portanto, que o que está sendo dito é verdadeiro.

Nas letras de músicas analisadas foi possível identificar algumas incoerências nas gramáticas de orientação normativa com relação à classe gramatical advérbios, notamos que essa não é uma categoria homogênea como aponta os compêndios de gramática, pelo contrário, é uma classe extremamente heterogênea, podendo assumir diferentes funções dentro das situações de uso.

A partir dessa análise, percebemos a importância de se trabalhar a classe gramatical advérbios dentro do contexto de uso, ou seja, numa perspectiva funcional, visto que dependendo das situações comunicativas essa classe pode sofrer variações e mudanças de sentido. Nesse caso, a teoria funcionalista mostra-se como uma ótima aliada para promover um ensino mais produtivo e reflexivo dessa classe gramatical.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de gramática, por muito tempo, esteve ancorado na perspectiva normativa. Ensinar regras e normas era, na visão de muitos professores, sinônimo de ensinar língua. Dessa forma, nas aulas de língua materna o foco era direcionado para a análise de frases descontextualizadas com o intuito de identificar e classificar as nomenclaturas gramaticais. A escola acreditava que, dessa maneira, estaria contribuindo para o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos.

Mediante as reflexões apresentadas nesse estudo, constatamos que as práticas de ensino de Língua Portuguesa, na maioria das vezes, ainda são elaboradas de maneira abstrata e pouco aplicadas à realidade dos alunos, ensinados a decorar as formas fixas da gramática para a qual eles não veem aplicabilidade. Ao contrário desse ato, a escola é um espaço de oportunidades para trabalhar a língua em uso. Assim, é preciso dar prioridade ao ensino da língua a partir do contexto, explicitando o seu funcionamento e os efeitos de sentido dos elementos linguísticos usados no momento da interlocução.

Ao lado disso, também pudemos constatar que, de acordo com os teóricos mencionados nessa pesquisa, há várias concepções para o termo gramática, assim como diferentes tipos de gramática, mas que as escolas, em sua grande maioria, priorizam apenas a gramática normativa nas aulas de língua portuguesa, o que resulta no ensino de língua desvinculado do contexto de uso.

Nessa perspectiva, verificamos que, no que diz respeito à conceituação de advérbio, as gramáticas normativas tendem a não considerar a heterogeneidade dessa classe, reduzindo-a a uma classe invariável modificadora de verbo, adjetivo e advérbio. Desse modo, o ensino dos advérbios somente na perspectiva da gramática normativa torna-se muito superficial e engessado, já que essa teoria gramatical não consegue dar conta do aspecto funcional dessa classe.

Diante disso, constatamos que a categoria gramatical advérbio precisa ser trabalhada na sala de aula a partir de um enfoque funcionalista, deve ser analisada com base numa abordagem ampla e de forma contextualizada, mostrando o papel que elas desempenham dentro de um contexto de comunicação.

Percebemos, a partir deste estudo, que é importante que a categoria gramatical advérbios seja analisada em um gênero específico, envolto de sua funcionalidade, bem como através das características e particularidades de cada gênero, para assim,

compreender os sentidos e a funcionalidade dessa classe na construção dos textos. Desse modo, o gênero música se mostra relevante para se estudar o uso dos itens gramaticais, pois traz consigo uma variedade de aspectos linguísticos.

Todas essas constatações que a pesquisa possibilitou entrevê contribuíram indubitavelmente para a resolução da problemática norteadora deste trabalho, pois evidenciaram que uma forma de trabalhar os advérbios na perspectiva epilinguística durante as aulas de língua portuguesa é através dos gêneros textuais, já que estes mostram como a língua funciona em situações reais de comunicação.

No que concerne aos objetivos, todos foram atingidos, pois as reflexões teóricas obtidas nas leituras, que foram feitas durante a pesquisa, nos proporcionaram conhecimentos significativos para que pudéssemos realizar a análise pretendida. Ainda, as reflexões obtidas nas leituras, despertaram o nosso olhar crítico a respeito do ensino de gramática, especificamente advérbio, servindo como base para as discussões propostas.

Concernente à parte da análise, elucidamos que o uso dos advérbios no gênero letra de música, colabora para a construção do sentido global da música e seu propósito comunicativo. Nas letras de músicas analisadas, foi possível observar a funcionalidade da categoria gramatical advérbios, assim como evidenciar as lacunas existentes na gramática normativa no que se refere à definição e classificação dos advérbios.

Concluimos, então, que, apesar de já existirem várias pesquisas que abordam a temática, esta é mais uma necessária contribuição. Cabe ressaltar ainda que esta pesquisa, como toda investigação, não se limita aqui, pois o material abre espaços para acréscimos, sugestões que acreditamos enriquecerem ainda mais o debate aqui exposto.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- ANTUNES, I. **Gramática contextualizada**: limpando 'o pó das ideias simples'. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BOMFIM, E. **Advérbios**. São Paulo: Ática, 1988.
- CAMARA Jr., M. **Estrutura da língua portuguesa**. 44. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- COSTA, N, B. **Canção popular e ensino da língua materna**: o gênero canção nos Parâmetros Curriculares de Língua portuguesa. Revista linguagem em (Dis) curso, v. 4, n. 1, p. 9 - 36, 2003.
- CUNHA, A. F. Funcionalismo. *In*: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 157-177.
- CUNHA, A. F.; COSTA, M. A; MARTELOTTA, M. E. Linguística. *In*: MARTELOTTA, M.E. (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 15 - 31.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.
- DILLINGER, M. **Forma e função na Linguística**. *D.E.L.T.A.*, v. 7, n. 1, p. 397- 407, São Paulo, 1991.
- GONSALVES, E. P. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas-SP: Editora Alínea, 2001.
- ILARI, R. A categoria advérbio na gramática do português falado. **Alfa**, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 151-174, 2007.
- LIMA, R. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- MARCUSCHI, L.A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, M. H. M. **Gramática na escola**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2011a.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos de português**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011b.

POSSENTI, S. **Por que (Não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras. ALB, 1996.

PRODANOV, C. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROCHA, C. M. A música na sala de aula: um espelho da língua. *In*: SIMÕES, D; KAROL, L.; SALOMÃO, A. C. (org.). **Português se aprende cantando**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007, p. 229 - 250xx.

TEXEIRA, Z. D. **Advérbios: uma análise semântica e suas implicações para o ensino de língua portuguesa**. Curitiba: Editora CRV, 2010.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.